

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

**(In) Subordinações Contemporâneas:
Linguística, Letras e Artes**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-608-9 DOI 10.22533/at.ed.089190309 1. 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Gomes, Angela Maria. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Incorporando as discussões e propostas da educação, no que abrange as ciências artísticas e da linguagem, (IN)subordinações Contemporâneas: Linguísticas, Letras e Artes traz em seu discurso reflexões em favor de uma educação voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade artística cultural, incluindo a brasileira. Tais reflexões foram embasadas a partir de, entre outras metodologias, levantamentos bibliográficos, estudos de caso, relatos de experiências e análise de obras literárias, de cinema e teatrais. Diretrizes Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular também foram referendadas e analisadas.

Na linguagem, começando por com uma visão naturalista a qual defende que a mesma se desenvolveu e evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais, formando assim uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. Ainda sobre o tema, encontramos uma visão holística de como o educador pode lançar mão dos conhecimentos fonéticos e fonológicos em seu trabalho constante na sala de aula quando detectado em seus alunos dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em análise do processo de produção textual, especificamente da evolução ocorrida entre a primeira e a última versão da produção de artigos de opinião, são aqui analisadas as principais dificuldades que surgem em relação à produção desse gênero do discurso. Investigam-se aqui as possíveis principais dificuldades que o aluno apresenta ao elaborar um texto argumentativo.

No campo das artes, vislumbramos desde estudos sobre danças e músicas regionais, reflexões sobre experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance de trilha sonora autoral, até a proposta de utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional que oportuniza a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e pouco contato com a linguagem musical tradicional. Outro ensaio também descreve os procedimentos utilizados em curso de extensão estruturado para a formação criativo-musical de crianças e discute o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte, quadrinhos...) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. Ensino de artes e as suas ressonâncias na formação inicial de professores foram observadas sob a luz das Diretrizes e Referenciais Curriculares. Assim, esses são alguns dos questionamentos e desafios aqui colocados e refletidos para o ensino da arte contemporânea.

Outro tema aqui abordado: Inclusão Social, que tem sido alvo de muita propagação no cenário brasileiro desde a década de 1990. No contexto da educação de surdos, este processo é motivo de muitas polêmicas e discussões, uma vez que o Ministério da Educação lança políticas de uma educação para esse público direcionadas ao ensino regular. Já a comunidade surda se mantém em uma posição contrária a

essa, dando ênfase a uma educação específica para surdos, tendo como principal língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na questão da inclusão, conjuntamente aqui, reflexões sobre o processo de disseminação de saberes sobre as minorias indígenas no cenário educacional brasileiro, um dos problemas que continuam a desafiar as políticas sociais, e a inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

Com o advento das Novas Tecnologias na Educação Brasileira, o tema não poderia deixar de ser contemplado. É preciso que ocorra a ruptura de padrões outrora estabelecidos, para que a escola e o professor desenvolvam papéis diferentes e a aula deixe apenas o modelo convencional e sejam trabalhadas novas metodologias. Entre outras, neste volume, analisa-se a possibilidade da utilização de aparatos utilizados no pré-cinema como forma de inserir as tecnologias na educação.

Dessa forma, esta coletânea objetiva contribuir de forma significativa para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Linguísticas , Letras e Artes - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional, artístico e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES	
Daiany Bonácio	
Mariângela Peccioli Galli Joanilho	
DOI 10.22533/at.ed.0891903091	
CAPÍTULO 2	15
A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903092	
CAPÍTULO 3	31
A POLÊMICA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DA INCLUSÃO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS	
Marcos Roberto dos SANTOS	
DOI 10.22533/at.ed.0891903093	
CAPÍTULO 4	40
A SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS INDÍGENAS EM APARATO DIDÁTICO EM CIRCULAÇÃO NO CIBERESPAÇO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903094	
CAPÍTULO 5	56
AINDA SOBRE A EDUCAÇÃO DO NÃO-ARTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL INICIAÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE NÃO-FORMAS E SUA CONCEITUAÇÃO	
Italo Bruno Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0891903095	
CAPÍTULO 6	67
ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE 'ORIENTAÇÃO SEXUAL' NA BNCC: EXCLUSÃO E (É) PRECONTEITO?	
Luciene de Carvalho Mendes	
Isabela Candeloro Campoi	
DOI 10.22533/at.ed.0891903096	
CAPÍTULO 7	79
ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS	
Mirian Celeste Martins	
DOI 10.22533/at.ed.0891903097	

CAPÍTULO 8	90
ARTIGO DE OPINIÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS RECORRENTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Mirian Celeste Martins Thaís Aparecida Burato	
DOI 10.22533/at.ed.0891903098	
CAPÍTULO 9	103
AS IDAS E VOLTAS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	
Monica Rodrigues de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.0891903099	
CAPÍTULO 10	115
BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ	
Ferran R. Tamarit	
DOI 10.22533/at.ed.08919030910	
CAPÍTULO 11	126
CENTROS DE AUTOACESSO E AUTONOMIA DOS ALUNOS	
Tamires Miranda de Oliveira Italo Barroso Melo Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08919030911	
CAPÍTULO 12	137
COMPOSIÇÃO MUSICAL NO BOI TINGA EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA: HISTÓRIA E ANÁLISES MUSICAIS A PARTIR DO TROMPETE EM BB	
Rosinei Gilberto Rodrigues Monteiro Junior Everton Dalton Pereira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.08919030912	
CAPÍTULO 13	150
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA PRÁTICA DOCENTE: ALUNOS COM DESVIO DE FALA	
Jeislene Dutra Pouso Jackeline Aguiar Silva Sousa Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030913	
CAPÍTULO 14	162
DANÇAS REGIONAIS & <i>BALLET</i> CLÁSSICO	
Lucienne Ellem Martins Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030914	
CAPÍTULO 15	174
ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA	
Ronan Gil de Moraes Léia Cássia Pereira da Paixão	

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.08919030915

CAPÍTULO 16 186

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: DO REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM *O BALCÃO*, DE JEAN GENET

Nilda Aparecida Barbosa

Roselene de Fátima Coito

DOI 10.22533/at.ed.08919030916

CAPÍTULO 17 199

ESTUDO DA NARRATIVA ROSIANA EM “DÃO-LALALÃO”

Jacqueline de Sousa Miranda

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.08919030917

CAPÍTULO 18 214

LETRAMENTOS EM TEMPO DA COMUNICAÇÃO UBÍQUA NAS VOZES DOS GRADUANDOS DE LETRAS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

Albina Pereira de Pinho Silva

Wendell Camilo Deposiano

DOI 10.22533/at.ed.08919030918

CAPÍTULO 19 225

LITERATURA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: A POÉTICA INTERATIVA DE ZACK MAGIEZI

Camila Santos de Almeida

Daniela Silva Braga

Maryna Garcia Wagner

Larissa Cardoso Beltrão

DOI 10.22533/at.ed.08919030919

CAPÍTULO 20 233

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

DOI 10.22533/at.ed.08919030920

CAPÍTULO 21 245

MULHERES SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM FOTOGRAFIA E ARTE

Carla Carvalho

Helen Rose Leite Rodrigues de Souza

Rosana Clarice Coelho Wenderlich

DOI 10.22533/at.ed.08919030921

CAPÍTULO 22 258

O PRÉ-CINEMA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE INSERÇÃO DAS

TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Fabiane Costa Rego

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

DOI 10.22533/at.ed.08919030922

CAPÍTULO 23 270

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA NAS SALAS DE AULAS

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Beatriz Taveira de Moura Teixeira

Celso Lima

Leila Adriana Baptaglin

Rosângela Duarte

DOI 10.22533/at.ed.08919030923

CAPÍTULO 24 286

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Iuri Passos

Adeline Seixas

Brenda Silva

Daniela Penna

DOI 10.22533/at.ed.08919030924

CAPÍTULO 25 295

PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A OBESIDADE INFANTIL E GESTÃO BIOPOLÍTICA: CORPO E (IN)SUBORDINAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Michelle Aparecida Pereira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.08919030925

CAPÍTULO 26 306

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME “CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

DOI 10.22533/at.ed.08919030926

CAPÍTULO 27 325

SONORIZAÇÃO AO VIVO: O ACASO E A ATITUDE DE TATEAR NA CONSTRUÇÃO SONORA DE A LUTA VIVE

Alexandre Marino Fernandez

Ricardo Tsutomu Matsuzawa

DOI 10.22533/at.ed.08919030927

CAPÍTULO 28 335

TEMPO E MEMÓRIA DE ENVIOS NA OBRA DE ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

DOI 10.22533/at.ed.08919030928

CAPÍTULO 29	346
TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS	
Andréa Luisa Frazão Silva	
Adriana Tobias Silva	
Monica Rodrigues de Farias	
Marcus Ramusyo de Almeida Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.08919030929	
CAPÍTULO 30	360
VIBROACÚSTICA Y CREATIVIDAD “UNA EXPLORACIÓN EN ARTES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN SENSORIAL”	
Lucía Noel Viera	
Alejandra Escribano	
DOI 10.22533/at.ed.08919030930	
SOBRE A ORGANIZADORA	364
ÍNDICE REMISSIVO	365

ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA

Ronan Gil de Moraes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia IFG / Câmpus Goiânia
Goiânia - Goiás

Léia Cássia Pereira da Paixão

Licenciatura em Música – IFG / Câmpus Goiânia
Goiânia - Goiás

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

Pós-Graduação Lato Sensu em Políticas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica – IFG / Câmpus Goiânia
Goiânia - Goiás

RESUMO: Este ensaio pretende descrever os procedimentos utilizados no curso de extensão Iniciação em Percussão (IFG/Câmpus Goiânia) e discutir o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos. O curso foi estruturado para a formação criativo-musical de crianças, com idade entre 08 e 14 anos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte e quadrinhos, por exemplo) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. O curso contribuiu para uma formação inicial sólida e fortaleceu relações sociais importantes, agregando saberes e competências integradoras e desenvolvendo criticamente um conhecimento fundamental para a iniciação musical de

intérpretes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical, artes integradas, percussão.

MUSIC EDUCATION, ARTISTIC DIVERSITY AND NEW TECHNOLOGIES: AN (IN)TEGRATED AND (IN)SUBORDINATED PERCUSSIVE INITIA(C)TION

ABSTRACT: This essay aims to describe the procedures used in the percussion course “Iniciação em Percussão” (IFG/Câmpus Goiânia) and discuss the stimulus produced starting from the students’ creative potential. The course was structured for the creative and musical formation of children between 8 and 14 years old, relating various artistic domains (painting, video art, literature, video game art and comics, for example) and applying new technologies for the learning of percussion instruments. The course contributed to a solid initial formation and strengthened important social relations, adding knowledge and integrative skills and critically developing a fundamental proficiency for the musical initiation of interpreters.

KEYWORDS: Music education, integrated arts, percussion.

1 | INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estímulos musicais podem ser usados

como ferramenta de formação humana em todas as etapas do desenvolvimento, desde a infância até a fase adulta. No ensino regular, os alunos podem ter acesso aos conteúdos musicais e nota-se que o ensino musical contribui, inclusive, para o desenvolvimento de aspectos neurocognitivos e psicossomáticos fundamentais. Assim, novas abordagens pedagógicas têm redimensionado o espaço, a função e a importância das aulas de música na contemporaneidade. Estas têm estimulado com propriedade, e resultados enriquecedores, um espaço criativo em constante desenvolvimento.

Para que haja uma contribuição pedagógico-musical estimulante, os mais variados repertórios e instrumentos podem ser explorados de forma bastante criativa. Há assim diversas portas de acesso para a criação, interpretação, improvisação e o aprendizado, que, por sua vez, podem garantir metodologias específicas e integradoras. Segundo Fonterrada (2008, p.219), tendo-se objetivos claros e precisos, bem como uma metodologia adequada, serão alcançados bons resultados em uma proposta de ensino musical. No presente ensaio procuram-se enfatizar aspectos da criatividade e da integração artística como fatores positivos de interação em um contexto de ensino-aprendizagem.

Criatividade é um elemento chave na proposição de uma abordagem consistente na contemporaneidade e ela pode estabelecer muitos utensílios de conexão para a inclusão de alunos dos mais diversificados históricos de vida e origens sócio-econômicas e culturais. Ela é também elemento fundamental para o estabelecimento de conteúdos que representem algo para os alunos e que possam passar a fazer parte de sua vida de modo profundo.

Criatividade, palavra originada do latim *creare*, indica a capacidade de produzir ou inventar coisas novas. Este é um substantivo feminino que se define como qualidade ou característica de quem é criativo, ou, do que é produzido por meio de. Está intrinsecamente interconectada à inventividade, inteligência e talento, natos ou adquiridos, para criar, inventar, inovar, seja no campo artístico, científico, técnico, esportivo ou outro. A criatividade não tem fronteiras nem limites, sendo assim insubordinada por si mesma e inerente em qualidades diferenciadas a todo ser humano. Para Mozzer & Borges:

[Para Fleith & Alencar (2005, p.87)] não existe uma definição consensual de criatividade. As autoras ressaltam que as várias definições podem ser distribuídas em quatro categorias: pessoa, produto, processo e ambiente. E continuam afirmando que as definições que focalizam a pessoa incluem três aspectos: características cognitivas, traços de personalidade e experiências durante a vida. Já a segunda categoria de definições de criatividade enfatiza o produto que deve ser novo, útil e de valor para a sociedade (MOZZER & BORGES, 2008, p.2).

A criatividade está ligada diretamente ao processamento de ideias e de como estas são aplicadas. Quando o indivíduo tem a necessidade de um produto final, seja qual for a natureza deste produto, este precisa ser de algum modo alcançado e, para isso, é necessário criar-se ferramentas. O produto, as ferramentas criadas e o

procedimento para se chegar a ambos são então consequentes a fatores criativos, o que demonstra a proporção que o fenômeno vai tomando nas ações humanas. Assim, para Leite (1994, p.207), “A criatividade é a dimensão da existência humana que evidencia o potencial do indivíduo para mudar, crescer e aprender ao longo de sua vida.” Para elas, essa capacidade criadora humana está assim “diretamente associada ao processo de viver e organizar experiências vividas, ampliando o repertório existencial do indivíduo” (LEITE, 1994, p.207).

Por outro lado, para que o ser criativo se manifeste é necessário que o local em que ele esteja inserido seja favorável ao seu despertar criativo. O grupo em que se está inserido pode influenciar bastante a forma de interação com o outro e o modo em que o fazer criativo se estabelece. A criatividade passa a ser ferramenta e objeto de sociabilização, também sendo criada por convívio social e elemento de reforço deste. O ato de criar em grupo e de estabelecer trocas criativas coletivas é assim fundamental.

A criatividade não é uma potencialidade com a qual se nasce, mas um processo complexo da subjetividade humana que se constitui a partir dos espaços sociais de vida do sujeito. Desta forma, a criança pode ou não desenvolver recursos psicológicos que lhe permitirão ações criativas em contextos sociais determinados (MOZZER & BORGES, 2008, p.2).

Neste caso, como discorrem os autores, a criatividade precisa ser explorada e estimulada de modo a ser desenvolvida. Refletindo sobre a coletividade criativa e estímulos de imaginação sonora, Nazario & Mannis afirmam que:

A realização de atividades criativas em ambiente coletivo proporciona estímulos para o desenvolvimento da imaginação sonora, pois os estudantes podem descobrir e interagir com vários materiais e estímulos sonoros, vivenciando situações que promovem o seu desenvolvimento e apuramento (NAZARIO & MANNIS, 2014, p.67).

A experimentação está ligada diretamente a criação de novas ideias, de como se transforma o que já existe e como se pode ver/ouvir/perceber algo de uma maneira nova. Há também o desapego ao que é certo ou errado, pois, na experimentação artística, todos os movimentos são válidos. Nesse caso, o desapego em relação a “erros” ou “acertos” atrai a liberdade de criar e recriar, dando novas perspectivas ao processo criativo e abrindo um leque de possibilidades que trazem novos meios de expressão, abrem portas e criam pontes.

Em um processo de ensino-aprendizagem, aspectos da integração multiartes podem viabilizar uma série de abordagens em que a criatividade é estimulada, de maneira crítico-reflexiva e extremamente salutar para o corpo de conhecimentos contemporâneos. Neste processo, as artes integradas apresentam segundo Junior (2009),

uma unicidade entre práticas, em princípio, tão díspares, como a pintura, a música, a escultura, a dança, o teatro, o cinema e a literatura. Dentro dessa perspectiva, reconhecemos que, apesar das inúmeras divergências existentes, haveria um ponto

de convergência entre essas práticas, a partir do qual, elas, juntas, trabalhariam em nome de uma única Arte (JUNIOR, 2009, p.103).

O termo, em si mesmo, já sugere a integração, pois, como afirma Cardoso (2006, p.25), “A palavra arte deriva do latim *ars*, que está na base do verbo articular, e que significa *acto* de juntar as partes de um todo.” A pesquisa sobre artes integradas vem se ampliando então para que se compreenda melhor a história da arte, bem como seus fundamentos, suas implicações, seus papéis sócio-históricos e culturais e igualmente suas aplicações no seio da sociedade contemporânea. Esta última não pode ser pensada sem levar-se em consideração todo o aporte tecnológico que a caracteriza, por isso, Oliveira (2016, p.688) afirma que “Arte/Educação e tecnologia são indissociáveis, cuja relação também pode ser percebida sob o aspecto da socialização da inovação.” Assim, aspectos da inovação precisariam então ser ensinados e aprendidos.

Este ensino de tecnologias e processos inovadores é fundamental para a construção da sociedade, mas inúmeras críticas podem ser encontradas. Santaella (2003) afirma, no entanto, que:

A maioria das críticas está preocupada com o fato – inoxidável – de que o mundo digital nasce e cresce no terreno das formações socioeconômicas e políticas do capitalismo globalizado. Do que reclamam os críticos? Da separação que muitas apreciações sobre a era digital estabelecem sobre o mundo lá fora, esquecido, e o mundo virtual (SANTAELLA, 2003, p.24).

Ainda que inúmeras outras críticas possam ser tecidas e que variados aspectos positivos possam igualmente ser apontados, o tripé ensino musical – artes integradas – novas tecnologias pode apontar para caminhos integradores na formação inicial. Quando se pensa em artes que se integram para formar um ensino mais completo (baseado em contribuições tecnológicas), unem-se diversificadas formas de refletir, perceber e sentir para que se propicie um processo de ensino-aprendizagem mais inclusivo e completo, seja ele musical ou em outra área de conhecimento. Para Faria (2009):

[nas] Artes Integradas atemos nosso olhar na interligação das diferentes linguagens e conhecimentos. Essa integração nos permite caminhar, levando-nos, através de posturas interdisciplinares, e até transdisciplinares, ao conhecimento abrangente. Neste passo, tal integração nos permite encontrar relações entre o eu e o contexto, o eu e o eu próprio, o eu e os outros, o contexto e os outros, desafiando, constantemente, tanto a sensibilidade, quanto a racionalidade ao diálogo. (FARIA, 2009, p.45).

De fato, é bastante importante o ato de *interligare* e as conexões de saberes e conhecimentos que se estabelecem com aspectos pessoais e psicológicos profundos. Seja em termos de contribuição consciente, subconsciente ou inconsciente, existem caminhos de se fazer música discutindo-se outras artes e aplicando-se conteúdos diversos que podem estruturar novas metodologias para a formação de cidadãos

da forma mais adequada e conectada à contemporaneidade. Observando as consequências que processos educativos demonstram nesta perspectiva, Faria (2009, p.46) afirma que “o que é importante para despertar o olhar para o mundo é saber enxergar as conexões existentes possíveis para realizar diálogos criativos e renovados dentro de cada contexto.” Essa prática, bem como a busca por “despertar os alunos para o mundo”, vem sendo objeto de estudo de inúmeros educadores. Cardoso (2006, p.68) afirma que “na nossa proposta de expressões artísticas integradas estamos a construir uma gramática própria, diríamos mesmo um novo campo epistemológico.”

Considera-se aqui de extrema importância o fator crítico-reflexivo como peça chave de constituição e difusão de saberes e conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem, seja ele artístico ou outro. A reflexão crítica é parte imanente e fundamental do processo como um todo. É ela que, de maneira insubordinada e necessária, levará os alunos, juntamente com os professores, a atingir um processo de amadurecimento (individual e coletivo) de suas opiniões e decisões, e é também o que lhes permitirá vislumbrar a liberdade e a consciência como os mais preciosos bens para o desenvolvimento de potenciais. Para Imbernón,

o docente deve envolver-se ativamente em um processo de reflexão crítica acerca do ensino e da aprendizagem, analisando o significado de sua ação, esta de claro caráter social e político. Para isso, o profissional precisará exercer uma prática teórica crítica, participando de processos de produção coletiva de conhecimento e das tomadas de decisões relativas ao processo educacional. (IMBERNÓN *apud* D'AMBROSIO & LOPES, 2015, p.7).

Visto os inúmeros benefícios e as possibilidades ainda latentes de ensino, pesquisa e *performance* neste campo, procura-se aqui descrever uma linha de ação em um curso de extensão que valeu-se da aplicação de aspectos criativos, artes integradas e novas tecnologias para o ensino musical com instrumentos de percussão.

2 | O CURSO DE EXTENSÃO INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO: ATIVIDADES

Criado em junho de 2016, no IFG Campus Goiânia, o curso Iniciação em Percussão fez parte do Programa Interinstitucional de Extensão em Percussão (PROPERC) e contou com apoio financeiro do Programa de Extensão Universitária (PROEXT) do Governo Federal. Foram ao todo ofertadas gratuitamente 80 vagas para alunos com faixa etária de 8 a 14 anos durante 03 semestres. As aulas eram organizadas semestralmente em encontros semanais de 2 horas com grupos de no máximo 10 crianças e foram divididas especificamente em atividades de solfejo/percepção/teoria musical (1 hora) e percussão (1 hora). Ambas as atividades contaram com estímulos visuais e auditivos como fundamento da apropriação dos conteúdos integradores e como alicerce para a discussão da tomada de decisão por parte dos alunos.

Durante o curso, foram ministrados conteúdos de linguagem musical e técnica de

instrumentos de percussão, baseando-se em temas relacionados a outras expressões artísticas e guiados por processos criativos que partiam dos próprios alunos. Assim, vários processos de criação artística, de improvisação instrumental e interpretação musical foram vivenciados e estimulados em integração com outros campos artísticos (essencialmente pintura, vídeo arte, vídeo game arte, literatura e quadrinhos). Em cada atividade os temas e assuntos eram discutidos e colocados em questão e as decisões eram também de responsabilidade dos alunos (independentemente da idade). Deste modo, todos os alunos foram agentes ativos na condução das discussões e tomada de decisões, pensando e refletindo sobre as propostas, as diferentes formas de expressão artística e os resultados que se buscavam enquanto coletividade. Descrever-se-á a seguir as diferentes atividades planejadas e executadas durante o curso.

2.1 Improvisação gráfico-musical em tempo real

Nesta atividade, alunos eram selecionados para desenhar, de maneira figurativa ou abstrata, e os demais deveriam tocar conforme o desenho era desenvolvido. Os alunos que desenhavam eram então responsáveis por compor a música com seus gestos e os demais a interpretá-la partindo-se da imagem em elaboração para traduzi-la por meio de percussão corporal. A proposta era trazer a conexão entre estímulos visuais e motores, sendo o desenho uma tradução do gesto em imagem e a imagem projetada em tempo real uma base para a sua tradução em gesto musical e sons feitos com o corpo por meio da improvisação. Se por um lado tinha-se a criação do desenho, que nesse momento estava representando um tipo de partitura gráfica em tempo real, por outro lado, tinha-se a interpretação musical baseada em percussão corporal.

A curiosidade e o repertório de desenhos e de gestos (tanto artísticos como musicais) foram sendo ampliados a cada nova criação. A consciência do processo de registro escrito como gerador de potenciais sonoridades e respostas musicais também foi se tornando mais evidente a cada encontro. O fato de todos os alunos terem passado por ambas as situações (como desenhistas ou intérpretes) criou a mais ampla consciência do processo. Foram tratados durante as aulas o figurativismo e o abstracionismo, bem como suas relações com a linguagem artística em geral e com a música em particular.

2.2 Kandinsky em movimento

Para esta proposta, utilizaram-se vídeos baseados em obras do artista plástico, nos quais as formas geométricas originais se moviam e se transformavam. Como conteúdos específicos, foram trabalhados a relação entre pintura e vídeo, geometria e espacialidade, notação não convencional (vídeo-partitura) e gesto musical. Na atividade proposta, os intérpretes tiveram a liberdade de escolher seus próprios instrumentos dentre materiais encontrados em sala de aula (régua, esquadro, carteira,

caderno, etc.), mas, estes instrumentos deveriam ter uma relação geométrica com as figuras de Kandinsky e uma utilização correlacionada aos aspectos do vídeo (velocidade, direcionalidade, deslocamento e tamanho). A limitação na escolha de materiais aguçou a criatividade dos intérpretes para descobrir novos instrumentos em meio a utensílios do cotidiano da escola.

Cada aluno, em sua *performance*, podia optar por uma ou duas das formas geométricas presentes no vídeo e deveria encontrar um objeto com geometria correlata, sempre que a forma aparecesse no vídeo, dever-se-ia produzir sons com o objeto escolhido. Incentivou-se uma discussão reflexiva e analítica sobre o vídeo como fonte de informação para se interpretar. Associavam a proposta da atividade e a ligação entre pintura e música, podendo fazer a interação entre imagem e som (Fig. 1).

2.3 Interação sonora com vídeo

A sonorização de vídeos foi uma atividade bastante utilizada no decorrer do curso e procurou integrar toda uma discussão em torno da vídeo-arte como suporte visual para uma relação musical enquanto vídeopartitura. Para isso, utilizaram-se curtas-metragens como *A menina e o tambor* (baseado em livro homônimo de Sônia Junqueira e ilustração de Mariângela Haddad e mostrado na Fig. 1), *Alike* (de Daniel Martínez Lara e Rafa Cano Méndez), *Aprendiz de feiticeiro* (parte do longa-metragem *Fantasia*, da Disney) e *Mother* (do Estúdio Kokorosh).

Para a proposta, os alunos assistiam aos vídeos, discutiam e testavam ideias sobre como interpretar cada parte do vídeo com sons. Partindo do princípio de paisagem sonora, os alunos associavam os instrumentos a momentos, pessoas, ações, sentimentos ou objetos que aparecessem no vídeo. As propostas resultantes eram decorrentes de um modo de criação coletiva e os intérpretes puderam utilizar formas, cores, objetos figurativos ou não figurativos como guia e material de inspiração, traduzindo imagens em sons. De acordo com Monzo:

Temos na interpretação a ideia da tradução, a expressão humana de um pensamento. Ela pode presumir uma ação executória que se reveste de um sentido hermenêutico. O executante por meio de processos interpretativos, tem o intuito de revelar relações e implicações conceituais existentes no texto musical (MONZO, 2015, p.135).



Fig. 1 – Imagens do recital final com as atividades Kandinsky em movimento (à esquerda) e Interação sonora com vídeo (à direita).

Fontes: Rafaella Pessoa e Ronan Gil.

2.4 Fábul(os) as músicas

Essa proposição procurou juntar a narratividade de fábulas de *La Fontaine* com um fundo musical como acompanhamento. Enquanto um aluno-narrador a recitava, os demais interpretavam os personagens, ações e situações com efeitos sonoros instrumentais.

Uma reflexão sobre a literatura em fábulas foi apresentada aos alunos que depois escolheram as que serviriam de plano de criação da música a ser executada. As turmas escolheram fábulas como *A Cigarra e a Formiga*, *O corvo e a raposa* (Fig. 2), *A Lebre e a Tartaruga*, *A Pombo e a Formiga*. A música teve um papel fundamental na narrativa literária destas propostas, apresentando uma certa relação programática – desenvolvendo cada som dentro da fábula de forma a contar a estória através dos sons.

Os alunos foram convidados a, caso quisessem, ampliar a estória antes e/ou depois do que *La Fontaine* criou, eles puderam assim complementar com os fatos que desencadeariam a fábula original ou que dela decorreriam, escolhendo os instrumentos e modos de ação que foram associados a cada trecho literário. De acordo com Dohme:

As fábulas trabalham com a parte racional das crianças, e por esta razão são adequadas a uma faixa etária maior. Segundo Piaget a partir dos sete anos é que a criança alcançará o estágio operatório completo onde ela terá a inteligência operatória concreta, sendo capaz de realizar uma ação interiorizada, executada em pensamento, reversível, pois admite a possibilidade de uma inversão e coordenação com outras ações, também interiorizadas. Necessita de material concreto, para realizar essas operações, mas já está apta a considerar o ponto de vista do outro, sendo que está saindo do egocentrismo. (DOHME, 2004, p.3).

2.5 Vídeo game arte e Escher

Esta proposta buscou uma ligação ainda mais direta com o uso das tecnologias de imagem e arte em tempo real. Buscou-se integrar artes e tecnologia por meio das possibilidades de montagem de trilhas sonoras para jogos de vídeo game. A contribuição artística dos alunos vinha por meio da musicalização dos cenários,

personagens e ações principais de jogos de vídeo game.

Inicialmente, foi escolhido *Monument Valley* (desenvolvido pela Ustwo), jogo moldado em objetos improváveis e ilusões de ótica, onde o jogador manipula a personagem através de labirintos e mecanismos que transformam o cenário. Neste jogo, a estética visual, os cenários e paisagens são inspirados em obras de M. C. Escher.

A proposta criativa desta atividade dava aos alunos oportunidade de refazer a trilha sonora do jogo, criando o som ambiente do jogo e as respostas sonoras aos movimentos da personagem (Fig. 2). Os alunos desenvolveram todos os sons relacionados ao movimento da personagem, ao movimento do cenário durante as ações da personagem e a trilha de fundo para cada fase. O instrumental foi escolhido pelos alunos que se dividiram em três grupos, um para os movimentos da personagem principal e dois para o ambiente que a personagem percorre. O ambiente foi dividido em dois tipos de sonoridade, pois, sentiu-se a necessidade de se musicar a trilha, os sons constantes e ininterruptos do ambiente (relativa a cada fase do jogo e indiferente de transformações ocasionadas pela personagem) e os sons incidentais resultantes das transformações do cenário conforme a personagem modificava o ambiente. Os três grupos, cada qual com sua atribuição, usaram diversos instrumentos de percussão para musicar o enredo e o desenvolvimento das ações.



Fig. 2 – Imagens do recital final com as atividades Vídeo game arte e Escher (à esquerda) e Fábul(os)as músicas (à direita).

Fonte: Rafaella Pessoa.

A proposta desse conteúdo em sala de aula buscou possibilitar a criação musical partindo dos aspectos visuais do jogo. Em grupo, por meio de discussões, questionamentos e reflexões eles puderam decidir o que mais se assemelhava ao cenário e o que era mais conveniente, conforme escolha estética individual e consenso coletivo. A partitura, neste caso, também pode ser classificada como vídeopartitura, contudo, esta era desenvolvida em tempo real. Visto que cada partida acabava sendo jogada de maneira particular, os resultados dos aspectos sonoros eram distintos para cada *performance*; para mais detalhes sobre essa ação ver MORAIS *et al.* (2019).

2.6 Moby Dick, da literatura aos quadrinhos, dos quadrinhos à música

Esse conteúdo foi pensado com o intuito de se relacionar música, literatura e arte de história em quadrinhos (HQ). Assim, o processo de criação pôde ser desenvolvido pela escolha de pranchas (parte essencial de HQs, ocupada por tiras e vinhetas, como mostra a Fig. 3). Moby Dick, de Herman Melville, é talvez um dos romances mais conhecidos da literatura internacional e foi adaptado em HQ pelo artista francês Christophe Chabouté (Ed. *Vents d'Ouest*). Este conseguiu trazer as pranchas para uma narrativa gráfica bastante interessante e recebeu vários prêmios pela obra final.

Para as atividades, cada aluno escolheu uma prancha e ficou a cargo de conceber toda a música para ela. Assim, cada aluno organizou o instrumental, as sonoridades, o caráter, a formação (se interpretada como parte solista ou camerística) pensando na sua prancha. As pranchas escolhidas foram escaneadas e sequenciadas de maneira a criar uma narratividade ligada à estória original. No dia do recital, elas foram projetadas em vídeo para que a sequência narrativa fosse percebida de maneira visual pelo público e conduzisse toda a parte musical como uma sequência somente. Para os intérpretes esta projeção acabava representando então um tipo de partitura gráfica.

2.7 Cubos mágicos de Escher

Este conteúdo artístico-pedagógico foi trabalhado na integração entre artes visuais e música a partir de temas como espacialidade tridimensional e aleatoriedade. Como nas atividades com vídeo game, houve a contextualização sobre a obra de Escher e sua estética. Nessa atividade, contudo, os alunos puderam vivenciar isso de maneira ainda mais prática, pois, foram levados a colorir algumas de suas obras. A atividade propôs para isso, que os alunos pintassem certos planos de cubos produzidos com diferentes obras de Escher (Fig. 3). Após a pintura, o material foi recortado, dobrado e colado de modo a se obter diversos cubos, cada um fabricado por um aluno. A única indicação que havia sido dada era que cinco faces do cubo deveriam ser pintadas com duas cores cada (resultando em dez cores ao todo) e uma face deveria ser a mais colorida possível. Concluída a confecção dos cubos (que passaram a ser dados musicais), os alunos deveriam escolher alguns instrumentos para serem tocados durante a atividade e as cores deveriam significar aspectos específicos da execução musical (tipo de instrumento, intensidade, e outros parâmetros). Assim o jogar de dados determinava parte do que se deveria fazer enquanto executante.

A parte musical da atividade foi diretamente relacionada a processos aleatórios. Depois de jogar o cubo, a face que caía indicava o que os alunos deveriam fazer. O resultado da música era diretamente relacionado aos aspectos probabilísticos e do acaso, porém, a interpretação era guiada por certas regras convencionadas no grupo. Esse jogo musical aleatório com regras de base abordava a percepção da liberdade, acaso e aleatoriedade na música.



Fig. 3 – Imagem da atividade Cubos mágicos de Escher (à esquerda) e algumas pranchas escolhidas para Moby Dick, da literatura aos quadrinhos, dos quadrinhos à música (à direita).

Fontes: Léia Cássia (foto) e Cristophe Chabouté (3 pranchas da HQ Moby Dick, Ed. Vents d'Ouest).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o curso foi estruturado para que os alunos tivessem uma vivência musical criativa e com o ato interpretativo com uso de instrumentos de percussão partindo da interação com outros fenômenos artísticos estimulantes. É importante salientar que os alunos eram estimulados a pensar de maneira crítico-reflexiva sobre o fazer artístico em questão e sobre como a música pode transformar os processos de criação e ser transformada por impulsos de criatividade. Uma das palavras centrais no ensino de percussão deste curso foi, então, descoberta. Por meio do ato de descobrir os alunos aprendiam termos, processos e conceitos relacionados aos instrumentos, à música como um todo, a outras formas de expressão artística e a ferramentas tecnológicas de apropriação de objetos artísticos. Isto porque, dentro das propostas temáticas, buscou-se sempre a integração com campos variados através de uma relação diretamente estabelecida entre conteúdo, forma, procedimento, objetivos e resultados como base para o ensino musical. Criou-se assim uma ferramenta de aprendizado importante na busca de novas sonoridades, mas igualmente na apreensão de conteúdos diversos e no estímulo aos processos criativos.

O curso de extensão Iniciação em Percussão foi um laboratório bastante eficaz para a vivência didático-metodológica e foi semestralmente concluído com recital final, onde os alunos podiam apresentar uma amostra de parte dos trabalhos realizados, vivenciando ainda a experiência da *performance* em palco. O recital foi pensado e estruturado com toda a disposição dos instrumentos, luzes, projeção de vídeos, jogos de vídeos game e imagens que um espetáculo completo demanda. Para os alunos, tais vivências/experiências em palco somado ao conjunto de responsabilidades se mostraram fundamentais.

No que tange aos aspectos do estímulo crítico-reflexivo na formação dos alunos, pensa-se igualmente haver sido alcançada uma ferramenta de interesse para a

discussão de aspectos sócio-educativos e culturais atuais. Por uma busca incessante e insubordinada de transformação humana, os elementos e peças colocados no tabuleiro (educação musical, artes integradas, novas tecnologias, *performance* em percussão) demonstraram a relação assaz prolífica entre criatividade, expressão e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ana Luísa Sampaio Cardoso. **Estratégias e práticas de educação artística**: história de um projecto de Artes Integradas numa escola do 1º ciclo do ensino básico. Universidade do Algarve, Algarve – Portugal 2006.

D'AMBROSIO, B. LOPES, C. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 29, n. 51, p. 1-17, abr. 2015.

DOHME, Vania D'Angelo. Atividades lúdicas na educação – o caminho de tijolos amarelos do aprendizado. **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 2004.

FARIA, Aline Folly. **Artes integradas**: características das práticas desenvolvidas em escolas de Goiânia. 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Música)–Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2009.

FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira. 2. ed. **De tramas e Fios**: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

JUNIOR, Neurivaldo Campos Pedroso. Estudos Interartes: Uma Introdução. **Raído**, v. 3, n. 5, p. 103-111, 2009.

LEITE, Edmar. Dinâmica evolutiva do processo criativo. In: ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de & VIRGOLIM, Angela M. Rodrigues (Org.). **Criatividade: expressão e desenvolvimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONZO, Diogo de Souza Vilas. Improvisação e Interpretação: O fazer musical. **Seminário Nacional de Pesquisa em Música**, Universidade federal de Goiás: 2015.

MORAIS, Ronan Gil de; ANDRADE, Lucas Fonseca Hipolito; ARAÚJO, Lucas Davi; GOMES, Jean Paulo Ramos; PAIXÃO, Léia Cássia. Ensino de música e novas tecnologias: Iniciação em percussão por meio de vídeo game arte em sua relação com a obra de Escher. In: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (Org.) **Música, Filosofia e Educação**, v. 1. Atena Editora, Ponta Grossa: 2019.

MOZZER, Geisade Souza Nunes; BORGES, Fabrícia Teixeira. A criatividade infantil na perspectiva de Lev Vigotski. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, p. 297-316, 2008.

NAZARIO, Luciano da Costa; MANNIS, José Augusto. Entre explorações e invenções: vislumbrando um modelo referencial para o desenvolvimento criativo em ambientes de ensino coletivo. **Revista da ABEM**, v. 22, n. 32, 2014.

OLIVEIRA, Maria José. Arte e Tecnologia: uma Revisão Sistemática dos anais do ConFAEB sobre as possibilidades didáticas com o uso de dispositivos móveis no ensino de artes visuais. **Anais do XXVI CONFAEB**, pp. 687-700. UFR, Pernambuco: 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 1, 31, 40, 41, 44, 54, 69, 78, 295, 296, 297, 304, 305

Argumentação 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 112, 152

Arte 16, 17, 18, 19, 21, 22, 29, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 166, 172, 174, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 206, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 280, 282, 284, 285, 324, 326, 328, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363

Arte Contemporânea 56, 57, 58, 59, 62, 65, 333

Artes Integradas 174, 176, 177, 178, 184

Artes Visuais 16, 18, 56, 58, 59, 66, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 183, 185, 264, 269, 270, 277, 278, 345, 346

Artigo de Opinião 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101

B

Base Nacional Comum Curricular 67, 69, 71, 73, 75, 78, 104, 108, 110, 114

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 67, 69, 108

C

Ciberespaço 40, 41, 46, 49, 51, 52, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232

Ciência Linguística 1, 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13

Cultura 21, 24, 32, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 107, 116, 118, 121, 122, 123, 126, 131, 133, 137, 142, 149, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 185, 189, 192, 212, 213, 218, 219, 221, 224, 255, 258, 262, 264, 272, 274, 275, 277, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 308, 332, 335, 336, 337, 356

D

Danças Regionais 162, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Diretrizes Curriculares 19, 29, 79, 80, 89

Discurso 1, 2, 11, 12, 13, 14, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 90, 101, 123, 159, 191, 198, 217, 220, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 304, 305

E

Educação Bilíngue 31, 34, 35

Educação Inclusiva 31, 32, 34, 36, 37, 38, 323

Educação Musical 15, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 174, 184, 270, 273, 276, 280, 282, 283, 284

Ensino de arte 56, 57, 62, 105, 107, 114, 258, 346, 348

F

Formação de professores 15, 16, 20, 29, 78, 79, 107, 215, 216, 218

Formação docente 87, 109, 219, 221

G

Guia didático 40, 41, 42, 46, 47, 54

H

Hipertexto 217, 225, 226, 228, 232

I

Inclusão Social 31, 224, 261, 283, 308, 319, 320, 321, 324

Indígena 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 117, 271, 277

Interdisciplinaridade 80, 81, 86, 264, 270, 277, 283, 324

L

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 66, 68, 69, 76, 77, 83, 84, 89, 105, 107, 109, 111, 124, 129, 136, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 189, 200, 207, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 226, 227, 234, 235, 236, 263, 264, 270, 280, 287, 291, 308, 340, 346, 349, 355, 357, 358

M

Materiais alternativos 268, 270, 276, 277, 283

Música 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 138, 139, 145, 146, 147, 148, 162, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 197, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 311, 326, 327, 332, 356, 360, 361, 362, 363

N

Naturalismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Novas tecnologias 40, 46, 163, 174, 177, 178, 184, 185, 228, 260, 261, 268, 269

O

Orientação sexual 67, 68, 69, 75

P

Pedagogia 16, 18, 19, 20, 35, 70, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 136, 219, 222, 293, 318

Pedagogo 15, 16

Poesia 84, 163, 225, 256, 353

Professor 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 33, 70, 88, 92, 95, 102, 106, 107, 112, 120, 132, 133, 159, 202, 219, 221, 222, 223, 224, 258, 260, 262, 263, 267, 277, 280, 282, 284, 353, 355, 357, 358

Professor pedagogo 15

S

Subjetividade 38, 40, 45, 52, 53, 176, 198, 206, 296

T

Teoria social do discurso 67, 68, 69

 **Atena**
Editora

2 0 2 0